

Itinerários para uma América Latina em (des)encanto: o cinema da El Pampero Cine

Rubens Fabricio Anzolin

Renan Eduardo

Desde sua constituição, o cinema impôs condições materiais e financeiras para sua realização. Mais do que tempo, os meios de produção ditaram tendências de realização, marcaram época e balizaram estruturas de visionamento. Ainda assim, iniciativas marginais e rebeldes, por vigor e necessidade, criaram condições para a concepção cinematográfica mesmo em ambientes adversos. Não raro, a história do cinema apresentou casos de autores/as e coletivos instigados a filmar com àquilo que era possível: películas roubadas, equipes reduzidas e agência em todas as frentes da concepção filmica — da pré-produção à distribuição. A chegada do Século XXI reatualiza este contexto, tornando minimamente mais acessível o ato de fazer um filme, muito embora a propagação e posterior recepção de obras com este perfil seja ainda um desafio.

Fundada na Argentina, em 2002, pelos amigos e cineastas Laura Citarella, Allejo Moguillanski, Agustín Mendilaharsu e Mariano Llinás, a produtora El Pampero Cine é um dos mais bem-sucedidos casos de um coletivo à parte, absolutamente independente, que logrou êxito na construção de uma sólida e muito particular filmografia. Seus trabalhos, estruturados em uma linhagem artística singular, que une referências variadas da música, da pintura e da literatura, não se furtam, em momento algum, de realizar cinemas de gênero — ação, ficção, suspense — mesmo em contextos de produção teoricamente adversos. Pelo contrário, o intuito da produtora é gerar estética a partir do seu contexto, fabulando uma linguagem formal particular, ainda que muito variada. Ao melhor estilo do realismo mágico latinoamericano, poderíamos dizer que o catálogo da El Pampero é um *grande jardim de veredas que se bifurcam*.

Pois, por um lado, há um aspecto labiríntico e episódico em seus filmes, por vezes misterioso e onírico, enquanto, em outra frente, há algo muito forte de

literatura propriamente, de um gosto pela palavra, pela força e pela imaginação disponível na ficção, nos mais remotos cantos de uma Argentina muitas vezes não registrada em tela. Ademais, o instinto de coletividade que rege às obras da El Pampero destaca sua particularidade: os membros do grupo revezam-se em todas funções artísticas, à parte de uma realidade industrial e de rápida feitura (uma vez que o coletivo notoriamente utiliza apenas recursos próprios e não utiliza recursos do INCAA no financiamento de seus filmes). Produzem épicos de longa duração em *sets* igualmente demorados, onde o que importa é tanto a experiência do filme como a experiência de *fazer um filme*. Internacionalmente, essa celeuma de detalhes e elementos fez com que, ao longo dos últimos anos, projetos da El Pampero ganhassem reconhecimento, tendo seus filmes sido exibidos em festivais como Berlim, Rotterdam, Cannes, Mar del Plata, dentre outros. Além disso, o destaque que receberam as recentes obras monumentais *La flor* (Mariano Llinás, 2018) e *Trenque Lauquen* (Laura Citarella, 2022) — eleito o melhor filme do ano pela *Cahiers du Cinéma* — aumentaram o interesse do campo da crítica e da pesquisa ao redor do coletivo.

Ainda assim, a exibição de obras da El Pampero no Brasil é escassa. Embora tenham tido sessões em festivais e mostras — com destaque para a homenagem feita ao coletivo pelo CineBH, em 2018, e para uma mostra da Sala PF Gastal (em Porto Alegre), em 2015 — não chegou a notícia de uma programação mais completa dedicada ao coletivo no Brasil. Nesse intuito, o FOCO EL PAMPERO CINE: UTOPIA SEM LIMITES procura dar uma visada ampla sobre as formas artísticas e de produção feitas pelo quarteto argentino. São seis filmes, que vão desde o período iniciático de sua trajetória, marcada pelo longa-metragem *Balneários* (Mariano Llinás, 2002) até obras recentes e inéditas em nossas terras, como *La edad média* (Alejo Moguillansky e Luciana Acuña, 2022). Na busca por demonstrar a particularidade e o contato estético que cada membro exerce sobre o outro, além de expor uma variedade temática e formal, optamos pela possibilidade de exhibir ao menos um filme dirigido por cada membro do grupo.

A noção de *Utopia Sem Limites* revela o espírito que rege o coletivo e, por consequência, as obras exibidas. A aposta na ficção e, sobretudo, na fabulação a partir de elementos fantásticos, é a empreitada que une os trabalhos. Trata-se de uma filmografia marcada pelo registro das paisagens dos pampas argentinos, cujo mote é a invenção de histórias mágicas, que registram e documentam aspectos reais dos espaços. Tal imbricamento produz ficções muito particulares na produção contemporânea, não apenas por uma hibridização de procedimentos, algo que marca uma série de cineastas latino-americanos, mas especialmente pelo aspecto geográfico de inventar uma mito que bagunce a ordinariedade de uma certa paisagem, espaço, praia ou vilarejo.

A programação começa com *Balneários*, filme considerado “proto-El Pampero Cine”, nas palavras dos integrantes, uma vez que foi realizado ainda quando o coletivo estava em formação. O longa é um “documentário” sobre balneários, *resorts* de banho argentinos e a ideia de cidades que se esvaziam no inverno e lotam no verão. Já em sua primeira obra, o aspecto mágico que paira sobre os filmes se manifesta: neste “documentário”, surgem elementos, personagens e objetos vindos de um mundo fantástico que contaminam a narrativa. Sereias, animais marinhos e castelos de areia preenchem a paisagem deste filme costeiro.

Ainda no veraneio à beira-mar, a programação segue com *Ostende* (Laura Citarella, 2011), filme em que Laura, personagem interpretada por Laura Paredes — importante atriz que atua em uma série de filmes do coletivo —, ganha uma estadia de quatro dias em um hotel cujo nome a cidade compartilha com o título do filme. Enquanto a protagonista espera seu namorado chegar ao resort, ela passa a observar e investigar estranhas atitudes de um homem idoso e duas jovens. Ao assumir o papel de *voyeur*, aspecto caro ao cinema de Citarella, Laura também passa a emular a curiosidade que move tanto a protagonista quanto o espectador, sedento pela resolução do mistério que paira sobre a trama.

Trenque Lauquen (Laura Citarella, 2022), por sua vez, renova a parceria entre Citarella e Paredes, novamente a partir de um mistério. O repentino

desaparecimento de Laura na cidade que também dá título ao filme faz com que Rafael e Ezequiel, parceiros românticos da protagonista, se unam para descobrir seu paradeiro. A busca desemboca em histórias sobre o passado de Laura e da cidade, por meio de múltiplos relatos. A palavra e a paisagem — sobretudo a interiorana —, outros elementos centrais na filmografia do coletivo, tornam-se substanciais para a revelação da trama. O filme, que mescla elementos de suspense, *thriller*, filme de detetive e realismo fantástico, apresenta uma ficção singular construída junto às paisagens do interior da Argentina.

Em exibição inédita no Brasil, temos *A Idade Média*, uma comédia com traços do teatro de Samuel Beckett, que acompanha a rotina de uma família confinada em casa durante a quarentena. O filme sublinha algumas das forças centrais que atravessam toda a filmografia do coletivo: o humor, a sátira e a escolha pela ficção. Se, por um lado, o caráter humorístico surge como uma sátira ao mercado da arte, por outro, há um reforço da escolha pela ficção diante de uma situação que se mescla ao documentário. Enquanto a pandemia surge como um dado real — um aspecto da realidade que cria situações para esses personagens —, a escolha de fabular a partir disso diz não apenas do trabalho de Moguillansky e Acuña, mas também da própria poética que rege a filmografia de El Pampero Cine.

Seguindo nas comédias da quarentena, *Clementina* (Constanza Feldman e Agustín Mendilaharsu, 2022), também inédito no Brasil, é um “meta-filme” que acompanha o confinamento de Constanza Feldman e Agustín Mendilaharsu, casal que protagoniza e dirige o filme. Longe do trabalho e de suas rotinas, eles decidem filmar um curta-metragem de ficção inspirado na dificuldade de Constanza em se adaptar à nova casa. No entanto, mesmo após a conclusão do filme, os problemas da vida real persistem: falhas no prédio exigem a entrada de operários; eles ficam sem luz e sem água encanada; e, por fim, veem-se obrigados a mudar para a casa dela. Cada problema torna-se o ponto de partida para um novo filme, uma nova aposta na ficção. Comédia e mistério se misturam em uma trama que tem o inesperado, por vezes o absurdo, como espinha dorsal.

Histórias Extraordinárias (Mariano Llinás, 2008), por fim, encerra a programação. Em diálogo declarado com Jorge Luis Borges e Thomas Pynchon, o filme é um épico dividido em episódios por vezes paralelos, por vezes labirínticos. Em formato de três contos diferentes, a trama acompanha a história de homens comuns designados apenas pelas letras X, H e Z, cujos cotidianos se transformam em extraordinários. Marcado por desvios, bifurcações e deambulações, o longa percorre uma província de Buenos Aires enquanto inventa, com sátira e bom humor, um retrato do campesinato argentino.

Particular e comunitária, a mostra FOCO EL PAMPERO CINE: UTOPIA SEM LIMITES percorre obras centrais e pouco conhecidas de um dos coletivos cinematográficos mais inventivos e importantes do cinema contemporâneo. Ainda que fincadas em personagens comuns e no cotidiano sereno, a poética que rege os filmes é a de remexer na ordem natural das coisas com doses de suspense e magia. Marcada pela crença na fabulação, tanto quanto na ficção, na sátira e nas paisagens provincianas, as obras exibidas apresentam ao espectador um fortíssimo desejo de inventar, em toda e qualquer circunstância ou adversidade, histórias que bagunçam o ordinário.